

TRADUÇÃO: *TÁIN BÓ CUAILNGE*

Cristiano Couto
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
cristianoppc@gmail.com

Recebido em: 12/03/2019
Aprovado em: 20/06/2019

Resumo :

Proponho a tradução, por via indireta, de uma parte do épico irlandês *Táin Bó Cuailnge*, fundamentado no trabalho de Manuel Alberro, *La Razzia del Ganado de Cuailnge*, tradução do texto mais importante do Ciclo do Ulster, do vernáculo para o espanhol, publicada na primeira década do século XXI. Busquei fundamentos, também, no trabalho de Joseph Dunn, cuja tradução para o inglês data de 1914. A tradução mais recente para o inglês, do poeta Thomas Kinsella, de 1969, que já se tornou clássica, também foi consultada. O que proponho é uma tradução de traduções. Para onomástica e toponímia, busquei sugestões em fragmentos traduzidos por José Roberto O'Shea para o livro *Como os irlandeses salvaram a civilização*, de Thomas Cahill, primeiro volume da série *A História não-contada*, publicado no Brasil pela Objetiva. Para o mesmo fim, foi-me útil a tradução de Jorge Chichorn do livro *Os Conquistadores da Ilha Verde*, primeiro volume da trilogia *A Grande Epopéia dos Celtas*, de Jean Markale, publicada em Portugal pela Ésquilo. Espero que os leitores lusófonos possam conhecer melhor e apreciar o *Táin Bó Cuailnge*, épico elaborado durante a cristianização da Irlanda, testemunho de um tempo cuja produção textual dificilmente deixava de fundir o sagrado e o profano.

Palavras-chave : Irlanda – Ciclo de Ulster – Mitologia – Celtas

Abstract :

Here I propose the indirect translation of an excerpt of the Irish epic *Táin Bó Cuailnge*, based on the work of Manuel Alberro, *La Razzia del Ganado de Cuailnge*, a translation of the most important text of the Ulster Cycle, from the vernacular into Spanish, published in the first decade of the 21st century. The work of Joseph Dunn, whose translation into English dates back to 1914, was also instrumental to me. The most recent translation into English, by the poet Thomas Kinsella, published in 1969, which has already become classic, has also been consulted. What I propose is a translation of translations. For onomastics and toponyms, I sought suggestions in fragments translated by José Roberto O'Shea for the book *Como os irlandeses salvaram a civilização*, by Thomas Cahill, first volume of the series *A História não-contada*, published in Brazil by Objetiva. For the same purpose, the translation by Jorge Chichorn of the book *Os Conquistadores da Ilha Verde*, the first volume of the trilogy *A Grande Epopéia dos Celtas*, by Jean Markale, published in Portugal by Ésquilo, was useful. I hope that Portuguese-speaking readers of *Teoliterária* can better understand and appreciate the *Táin Bó Cuailnge*, epic elaborated during the Christianization of Ireland, a testimony of a time whose textual production hardly failed to merge the sacred and the profane.

Keywords : Ireland – Ulster Cycle – Mythology – Celts

I. CONVERSA DE ALCOVA (OU CONVERSA DE TRAVESSEIRO)

Conta-se que Ailill e Maeve, senhores da província de Connacht, estendidos pachorrentamente sobre o leito real no Castro de Cruachan, tiveram esta conversa de alcova:

– “Aquilo que dizem é certo”, divagou Ailill, “tudo anda bem para a mulher de um homem rico”.

– “Certíssimo”, disse Maeve, a rainha, “o que te faz pensar nisto?”.

– “Chamou-me a atenção”, disse Ailill, “como melhoraste de condição desde o dia em que nos casamos”.

– “Eu sou rica o bastante sem ti”, disse Maeve.

– “Então, a tua riqueza é algo que eu desconhecia e dela nada ainda me tinha chegado aos ouvidos”, retorquiu Ailill. “Exceto a tua condição de mulher e teus inimigos das vizinhanças, fugindo com saque e pilhagem”.

– “De jeito nenhum”, disse Maeve, “tenho o rei dos reis como pai, Eochaid Feidlech, o Indestrutível, filho de Finn, filho de Finnoman, filho de Finnen, filho de Finngoll, filho de Roth, filho de Rigéon, filho de Blathacht, filho de Beothacht, filho de Enna Agech, filho de Aengus Turbech. Meu pai teve seis filhas: Derbriu, Ethne, Ele, Clothru, Muguin e eu mesma, Maeve, a mais nobre e ativa de todas. Eu sobrepujei a todas em graça, galhardia e donaire, e nas batalhas e combates bélicos. Eu tinha mil e quinhentos guerreiros fiéis a mim, todos filhos de exilados, e o mesmo número de homens nascidos livres, e por cada guerreiro a soldo tinha mais outros dez homens, e nove mais, e oito, e sete, e seis, e cinco, e quatro, e três, e dois, e um. E esse era apenas o nosso destacamento regular da Casa Real”.

– “Meu pai me deu uma província inteira de Erin, esta província regida desde Cruachan, e é por isso que sou conhecida como Maeve de Cruachan. E vieram pedir-me em casamento Finn, filho de Ross Ruad, o Vermelho, rei de Leinster, e eu o recusei; e Carbre Niafer, o Campeão, rei de Temair, outro dos filhos de Ross Ruad, e eu o recusei. E veio Conchobar, rei do Ulster, filho de Fachtna Fathach, o Poderoso, e eu o recusei

igualmente. E veio Eocho Bec, o Pequeno, e nunca cogitei ir com ele. Porque eu pedi um presente de casamento único, como jamais uma mulher pedira a um homem, aos homens de Erin, ou seja, um consorte destituído de avareza, de ciúmes e de temor”.

– “Se tivesse casado com um homem sovina, nossa união teria sido inapropriada, uma vez que esbanjo graça e generosidade. Se fosse mais magnânima do que o meu consorte, seria um ultraje, mas não se fossemos iguais. Se o meu esposo fosse um poltrão, nossa união seria também desapropriada, porque eu por mim mesma travo incontáveis batalhas, refregas e combates. Seria uma afronta para o meu marido se a sua esposa fosse mais vívida do que ele, mas não se ambos fossemos igualmente vivazes. Se tivesse casado com um homem ciumento, isso seria também um equívoco: eu nunca estive com um homem sem que, ao mesmo tempo, não houvesse outro amante à espera. Por isso, tenho o homem que desejava: o outro filho de Ross Ruad: tu mesmo, Ailill, de Leinster. Tu não és tacanho, ciumento, ou acovardado. Quando nos prometemos, trouxe-te o melhor presente de casamento que uma noiva poderia oferecer: vestimentas suficientes para uma dúzia de homens; um magnífico carro de combate com três vezes o valor de sete jovens escravas; a largura da tua frente em ouro vermelho; e o peso do teu braço esquerdo em bronze prateado. Portanto, se alguém te causa vergonha, desgosto, ou problemas, meu é o direito de compensação”, disse Maeve, “porque tu és um homem mantido por mim”.

– “De jeito nenhum”, disse Ailill, “tenho dois reis como irmãos, Carbre em Temair e Finn em Leinster. Eu permiti que reinassem, porque eram mais velhos do que eu, não porque me superassem em bravura e generosidade. Nunca ouvi nada na Erin inteira sobre qualquer província que fosse governada por uma mulher a não ser sobre esta, razão por que para aqui vim, como sucessor de minha mãe, Mata de Muresc, filha de Magach de Connacht. Qual melhor rainha para mim do que tu, uma das filhas do rei dos reis de Erin?”.

– “Ainda assim a minha riqueza é maior do que a tua”.

– “Espantas-me”, disse Ailill. “Ninguém tem mais pertences, ou jóias, ou objetos preciosos do que eu, e tu sabes muito bem disso”.

Para começar, e para poder-se saber qual deles era dono de mais propriedades, bens e riquezas, foram trazidas, então, aquelas de suas posses que eram menos valiosas: seus copos de madeira, caldeirões de metal e baldes para asseio. E depois os anéis, braceletes e jóias de ouro, e as valiosas vestimentas de cores flamantes, púrpura, azul, negro, verde e amarelo, cinzento, e policromadas, amarelo-acastanhado, axadrezadas e às riscas. Seus rebanhos de ovelhas foram recolhidos nos pastos e nos campos. Ato contínuo, foram contados e comparados, e resultou serem iguais em número e tamanho. Inclusivamente, o grande carneiro-líder do rebanho de ovelhas de Maeve, que valia tanto quanto uma escrava, tinha um correspondente no seu homólogo do rebanho de Ailill. Dos pastos e dos estábulos, foram trazidos os cavalos e os corcéis. Havia um portentoso garanhão na estrebaria de Maeve que valia uma fortuna. Ailill possuía um garanhão da mesma qualidade. Então, das ermas paragens, dos montes e ondulantes vales solitários, foram recolhidas as grandes varas de porcos. Foram contadas e avaliadas. Maeve possuía um soberbo varrasco e Ailill outro igual. Então, trouxeram os rebanhos de vacas leiteiras que pastavam nos prados e nas clareiras dos bosques da província. Foram contados e catalogados pelo seu valor, e eram idênticos em quantidade e valor material. Mas, entre as greis de Ailill, havia um touro notável. Havia sido parido por uma das vacas de Maeve, e seu nome era Finnbennach, o Alvicórnio. Este touro singular havia calculado que era desonroso para ele pertencer a uma mulher, e por isso fugiu e juntou-se aos rebanhos do rei. Para Maeve, isso foi a gota d'água. Enquanto não possuísse um touro como aquele no seu rebanho, era como se não tivesse sequer uma moeda de valor insignificante. Desconcertada, Maeve convocou seu mensageiro, Mac Roth, e ordenou-lhe que averiguasse onde, entre todas as províncias de Erin, poderia haver um touro como aquele.

– “Eu sei com certeza”, disse Mac Roth, “onde existe um touro que é ainda melhor e mais esplendoroso do que Finnbennach: na província do Ulster, no distrito de Cooley, na morada de Darè, filho de Fiachna, Donn Cuailnge é o seu nome, o Touro Castanho”.

– “Vá, Mac Roth, e peça em meu nome a Darè que nos empreste Donn Cuailnge por um ano. No fim desse ano, ele receberá como pagamento pelo aluguel do touro cinquenta novilhas, e Donn Cuailnge ser-lhe-á devolvido. E leva contigo esta outra

oferta, Mac Roth: se a gente de Cooley recursar-se a entregar-nos essa preciosa possessão, Donn Cuailnge, permita que o próprio Darè venha até mim com seu touro, e receberá uma extensão de terra igual à que possui nas planícies de Ai, e um carro de combate com três vezes o valor de sete jovens escravas, e, para culminar, o calor de minhas próprias coxas”.

Depois de tudo isso, os mensageiros se dirigiram à casa de Darè, filho de Fiachna. Nove eram os mensageiros na embaixada de Mac Roth. Mac Roth recebeu as boas-vindas na casa de Darè, o que era apropriado, uma vez que era o mensageiro de maior prestígio em toda a Erin. Darè perguntou a Mac Roth o motivo de sua visita, e por que havia realizado essa viagem. O mensageiro contou-lhe, então, o porquê da sua visita, e explicou-lhe a contenda entre Maeve e Ailill.

– “Vim para pedir-te o empréstimo de Donn Cuailnge, para que seja equiparado a Finnbennach”, disse Mac Roth, “e tu receberás como pagamento pelo aluguel cinquenta novilhas e o touro ser-te-á restituído. E ainda há algo mais: venha tu mesmo com o touro e receberás terras iguais em extensão às que possuis aqui, nas planícies de Ai, e um carro de combate com três vezes o valor de sete jovens escravas, e, para completar, a amizade íntima de Maeve”.

Darè ficou extasiado e pulou de alegria, rompendo as costuras da almofada em que estava sentado, gritando:

– “Verdadeiro como a minha alma! Pouco me importa o que os homens do Ulster pensam, levarei o meu tesouro, Donn Cuailnge, para Ailill e Maeve na terra de Connacht”.

Encantado ficou Mac Roth com as palavras do filho de Fiachna.

Depois disso, foram atendidos, e palha e ervas frescas foram estendidas sobre o solo debaixo dos seus pés. Serviram-lhes a mais succulenta comida, acompanhada por bebidas que fizeram a alegria da comitiva, logo em seguida embriagada. No entremeio, uma conversa entre dois dos mensageiros teve lugar:

– “Na verdade”, disse um mensageiro, “generoso é o homem em cuja casa estamos”.

– “Certamente generoso”, disse o outro.

– “Há outro homem melhor no Ulster”, acrescentou o terceiro.

– “Sim, certamente”, disse o segundo. “O líder de Darè, Conchobor, é melhor, e ainda que todos os homens do Ulster se reunissem em torno dele, não seria vergonhoso para eles. Como quer que seja, Darè é boníssimo por entregar a nós, nove mensageiros, o que teria constituído árdua tarefa para todas as quatro grandes províncias de Erin”.

Então, entra na conversa um terceiro mensageiro:

– “O que estás dizendo? Não percas tempo falando insanidades. Não me ressentiria em ver sangue, pois se o touro não nos tivesse sido entregue de forma voluntária, teria sido tomado à força”.

Naquele exato momento, entrou na casa um encarregado, acompanhado por um servente com bebidas e outro com carnes, e casualmente pôde ouvir o que diziam os mensageiros. Tomado pela ira, deu-lhes as carnes e as bebidas, não convidando ninguém a consumi-las, nem lhes dizendo que não as consumissem. Foi-se até à casa onde estava Darè e disse-lhe:

– “Foste tu quem entregou esse tesouro incomparável, Donn Cuailnge, aos mensageiros?”.

– “Fui eu mesmo, seguramente”, disse Darè.

– “Pois atenta para o que dizem eles, que se tu não lhes tivesse dado o touro voluntariamente, te-lo-iam tomado de ti pela força das armas dos exércitos de Ailill e Maeve, apoiados na astúcia de Fergus, filho de Roig”.

– “Juro pelos Deuses da nossa tribo, nada deixará a minha casa a menos que eu consinta!”.

Na manhã seguinte, muito cedo, os mensageiros se levantaram e se dirigiram à casa onde estava Darè.

– “Conduz-nos, nobre senhor, ao lugar onde se encontra Donn Cuailnge!”.

– “Seguramente, não ocorrerá nada disso”, disse Darè, “mas, se fosse o meu costume tratar mensageiros e viajantes de forma traiçoeira, nenhum de voz sairia daqui com vida”.

– “Por que isso agora?”, disse Mac Roth.

– “Há grandes motivos para isso”, disse Darè. “Vós dissestes que se eu não vos entregasse o touro de moto próprio, entregá-lo-ia pela força dos exércitos de Ailill e Maeve e pela força e astúcia de Fergus”.

– “Não”, disse Mac Roth, “seja lá o que tiverem dito os mensageiros depois de terem alarvado a comida e sorvido grandes doses da bebida com que tu lhes brindaste, não pode ser tido em consideração para culpares Ailill e Maeve”.

– “De qualquer maneira, Mac Roth, não vos entregarei o meu touro desta vez”.

Os mensageiros puseram-se em caminho, até que chegaram a Cruachan, o Castro de Connacht. Maeve pediu-lhes que contassem as novidades trazidas da viagem. Mac Roth disse à soberana que eles não tinham trazido o touro de Darè.

– “Por quê?”, perguntou Maeve.

Mac Roth explicou-lhe a razão.

– “É escusado edulcorar o que se passou, Mac Roth, porque o touro jamais seria entregue voluntariamente senão pelo poderio das armas, e dessa forma sê-lo-á”.

II. A FORMAÇÃO DO EXÉRCITO

Tendo reunido um grande exército aliado, na província de Connacht, formado por guerreiros de todas as províncias de Erin e por exilados do Ulster, Maeve e Ailill enviaram mensageiros aos sete Maines, que comandavam sete divisões de três mil guerreiros. Outros mensageiros foram enviados aos filhos de Mágach: Anluan, a Luz Resplandescente; Maccorb; Cet, o Primeiro; En, o Pássaro; Bascall, o Lunático; Dóchae e Scandal, o Insulto; e cada um deles dispunha de três mil homens armados. Outros mensageiros foram enviados ao filho de Conchobor, Cormac Connlongas, e a Fergus,

filho de Roig, os proscritos do Ulster que viviam desterrados em Connacht, e cada um deles marchou até Cruachan com três mil guerreiros.

Três destacamentos comandados por Cormac foram para Cruachan. Os guerreiros da primeira companhia que chegaram ao lugar de concentração tinham cabelos escuros, estavam vestidos com mantos verdes, com broches de prata e camisas brancas com bordados de ouro. Traziam espadas com brilhante empunhadura de prata.

– “É Cormac este que se aproxima?”, perguntaram todos.

– “Não, não é ele. Ainda não vejo Cormac”, disse Maeve.

– Os integrantes da segunda hoste vinham com os cabelos cortados e penteados para trás, e trajavam mantos cinza-escuros, túnicas vermelhas e camisas alvíssimas. Portavam espadas com empunhadura de prata e lanças.

– “Aquele ali é Cormac?”, perguntaram todos novamente.

– “Não, certamente não é”, disse Maeve.

Os integrantes da última hoste tinham cabelos dourados e soltos, e mechas loiras que o vento fazia cair sobre os seus ombros. Vinham cobertos com capas bordadas de cor escarlate presas com broches de ouro sobre os seus peitos, e largas e alabastrinas camisas de seda. Cada um carregava um escudo côncavo e uma enorme lança do tamanho de uma coluna de um palácio. Todos juntos, em uníssonos, levantavam os pés do chão e voltavam a pousá-los novamente.

– “É Cormac aquele ali?”, perguntaram mais uma vez.

– “Sim, certamente. Agora eu o vejo”, disse Maeve.

As quatro províncias de Erin estavam reunidas em Cruachan. Aquela noite desmontaram suas tendas e sentaram no meio de uma nuvem de fumo e fogo (dos fogos dos diversos acampamentos), entre os quatro vaus de Ai: Ath Moga, Ath Bercna, Ath Slissen e Ath Coltna. Esperaram em Cruachan, o refúgio de Connacht, entre cantorias e bebidas e folguedos, para que a dura marcha e incursão que iriam empreender fosse mais amena. E seus poetas e druidas os detiveram ao longo de uma quinzena à espera de

sinais alvissareiros. E Maeve pediu ao seu auriga que ajazesse os cavalos e preparasse o carro para ir falar com o seu druida.

Quando Maeve chegou onde estava o seu druida, pediu-lhe que vaticinasse o futuro daquela expedição.

– “Há, hoje, aqui, muitos que deixaram camaradas e amigos”, disse Maeve, “lares e terras, pais e mães, e que se não regressarem sãos e salvos, será sobre mim que cairão as maldições e os insultos. Contudo, ninguém que seja mais querido para nós senão nós mesmos partirá nem deixará de partir. E deixa-nos saber se regressaremos ou não”.

– E o druida disse:

– “Quem quer que volte e quem quer que deixe de voltar, fique a saber que tu mesma hás de regressar.”

III. FEDELMA

– “Espera”, disse o auriga, “até que eu dê uma volta *deisel* com o carro para a direita, no sentido do curso solar, para que se produza um bom presságio e possamos voltar em segurança”. Virou o carro, e Maeve retornou ao acampamento. Então, viu algo que lhe pareceu extraordinário: uma donzela que se dirigia até ela. A jovem estava tecendo rendas, e tinha na sua mão direita uma roca de bronze prateado com sete adornos de ouro vermelho nas laterais. Vestia um manto verde-manchado, com um grande broche de ouro sobre o peito, uma túnica vermelha com capuz nas costas e sandálias com fivelas douradas. Tinha um belíssimo rosto alviróseo, lindos e penetrantes olhos cianóticos debaixo de largos e delicados cílios, cujas sombras chegavam até às bochechas. Tinha a mandíbula estreita e a testa larga, com finos lábios vermelhos e dentes perolados. Seus compridos e dourados cabelos estavam penteados e trançados: duas tranças para os lados e uma trança que lhe caía pelas costas até perto das pantorrilhas. Lindos e delicados eram os seus pés. O som melífluo de sua voz era tão melodioso como o que produz as cordas de uma harpa quando tangidas pelas mãos de

grandes mestres musicais. Dois altivos corcéis negros conduziam o seu sublime e majestoso carro de combate. Ela vinha armada.

Maeve dirigiu o olhar para ela.

– “Jovem, o que fazes aqui?”, disse Maeve.

– “Estou defendendo o teu interesse e prosperidade, reunindo as quatro poderosas províncias de Erin contra a terra do Ulster na demanda por Donn Cuailnge”.

– “E por que fazes isso por mim?”, disse Maeve.

– “Tenho boas razões para isso. Sou uma habitante livre do teu reino”.

– “De qual dos meus povos és tu e qual é o teu nome?”, disse Maeve.

– “Não é difícil de dizer. Sou Fedelma, a druidesa e profetiza do Sid, o Monte das Fadas de Cruachan, uma poetisa de Connacht eu sou”.

– “E de onde vens agora?”, disse Maeve.

– “Venho de Alba, onde estive a aprender poesia e vaticínio”, disse a jovem.

– “Tens o dom *imbas forasnai*, A Luz da Profecia?”, disse Maeve.

– “Sim, eu o tenho”, disse a jovem-vate.

– “Então, Fedelma, a Profetiza, como vês o futuro do nosso exército?”.

– “Eu o vejo vermelho-carmíneo”, disse a jovem, “eu o vejo banhado em vermelho”.

– “Conchobar e seus homens estão padecendo de dores provocadas pela Maldição de Macha. Meu mensageiro Sand contou-mo-lo. Não há nada para temer dos homens do Ulster. Mas, diz-me a verdade, Ó Fedelma. Como vês o nosso exército?”.

– “Eu o vejo vermelho-carmíneo”, disse a jovem, “eu o vejo banhado em vermelho”.

– “Celtchar, filho de Uthechar, está padecendo de dores no castro de Lethglas, com um terço das forças armadas do Ulster, e Fergus, filho de Roig, com seu bando de três mil guerreiros, está aqui conosco, exilado. Ó Fedelma, como vês o nosso exército?”.

– “Eu o vejo vermelho-carmíneo”, disse a jovem, “eu o vejo banhado em vermelho”.

– “Não importa o que digas”, disse Maeve, “Fúria e cólera e púrpuras feridas são comuns quando grandes exércitos se engalfinham em combate. Então, pensa, vê novamente e diz agora a verdade, Fedelma, a Profetiza: como vês o nosso exército?”.

– “Eu o vejo vermelho-carmíneo”, disse a jovem, “eu o vejo banhado em vermelho”.

– E Fedelma, a jovem-vate, começou a profetizar as vindouras façanhas de Cuchulain e a pressagiar o que ele faria aos homens de Erin. E cantou este lai:

“Nobre em ações é o homem que eu vejo;

Com incontáveis chagas na nívea carne;

A auréola de um herói resplandece em sua cabeça;

Sua frente é o estuário de muitas virtudes;

O triunfo repousa em seu rosto!

Sete pedras preciosas de bravos heróis

Emolduram as suas órbitas;

Nuas são as lanças que carrega,

Veste uma capa vermelha com broches de ouro!

O mais nobre dos semblantes ele tem, eu vejo;

Que causa grande efeito nas mulheres,

Um homem jovem e galhardo;

No calor da batalha, contudo, adquire a forma de um dragão!
Suas proezas indicam a presença de Cuchulain de Muirthemné.
Ignoro quem seja Cuchulain de Muirthemné;
Mas conheço muito bem este exército,
E sei que por ele será afogado em sangue!
Um gigante na planície, eu vejo,
Lutando contra um exército inteiro,
Com quatro espadas em cada mão,
Que conseguirá manusear para atacar essas forças.
Cada uma dessas armas tem um uso especial.
Eu o vejo empunhando a sua *Gael Bolga*, mágica e terrível lança
E a sua espada e a sua javelina.
Esse homem coberto com a sua capa vermelha,
Uma torre que penetra em cada batalha.
Duas lanças sobressaem na frente do carro de combate,
De onde semeia morte e destruição.
'O Retorcido' mudou de fisionomia:
A bela forma de homem que antes vi,
É agora um semblante de fúria e frenesi.
Vejo como avança até à frente de batalha.
Se não for detido, provocará grande destruição.
Ele é quem te busca a ti em combate, Cuchulain, filho de Sualtach.
Eu o vejo agora em perseguição.
Ele aniquilará todo o teu exército, ele chacinará todas as tuas hostes.

Serão milhares as cabeças decepadas por ele.

Eu sou Fedelma, profetiza, e nada posso ocultar.

O sangue jorra dos corpos dos guerreiros tombados.

Isto será para sempre recordado.

Teus guerreiros mortos, corpos despedaçados,

Mulheres em prantos por causa dele, o Cão do Ferreiro".

IV. A MARCHA

Depois do fim do verão, começaram a marcha (e o extenso caminho que percorreram ao largo de Erin, desde Connacht até o Ulster, é descrito com amplos e minuciosos detalhes: os caminhos, sendas, veredas, rios, bosques, vaus e muitos outros pormenores da topografia das diversas paragens por onde iam passando). Iniciaram em Mag Cruimm, no Sudeste da planície de Cruachan, até chegar ao caminho para Midluachra. Ao partir, Maeve, em seu carro de combate circundado por outros nove carros semelhantes, fez com que o auriga desse três voltas *deisel* ao redor do acampamento, para que o poder de um signo propício ajudasse o exército aliado sob o seu comando na cruenta empresa que iniciavam.

Após o primeiro dia de marcha, chegaram no entardecer em Cul, o Refúgio de Silinne, onde atualmente é Cargin's Lough, e aí passaram a noite. Ailill, filho de Ross, montou a sua tenda. No seu lado direito, Fergus, filho de Roig, montou a sua; e, em seguida, Cormac Conlongas, filho de Conchobar; depois, Ith, filho de Etgaith; depois, Fiachu, filho de Firaba, a filha de Conchobar; logo, Conall Cernach; por fim, foi montada a tenda de Gobnenn, filho de Lurnig. Era essa a ordem de montagem da tenda de Ailill e das seguintes, à direita, e consecutivamente os três mil homens de Ulster também à sua direita, para que as conversas importantes e confidenciais, assim como os melhores e mais suculentos bocados de carne estivessem ao seu alcance. À esquerda de Ailill estava Maeve de Cruachan, filha de Eocho Fedlech. Finnabair, a de Bela Fronte, filha de Ailill e de Maeve, ao lado da mãe, seguida de serventes e de um encarregado.

Depois, estava Flidais Foltchain, a de Belas Melenas, primeira esposa de Ailill Finn, o Belo. Ela havia dormido com Fergus em Cuailnge. A cada intervalo de sete noites ela aplacava com leite a sede de todas as pessoas de Erin que estavam em marcha, rei, rainha, príncipes, poetas e eruditos. Maeve permaneceu na retaguarda, chegando por último ao acampamento, pois havia estado inspecionando as tropas e buscando augúrios, profecias e notícias, bem como tratando de saber quem estava e quem não estava ferreamente decidido a prosseguir com a expedição. Ao regressar de sua missão, disse a Ailill:

– “Seria uma futilidade continuar assim, com a divisão de três mil guerreiros Galian, do Norte de Leinster, como parte do exército”.

– “E qual é o mal que há neles?”, disse Ailill.

– “Não vejo mal algum neles”, disse Maeve. “São esplêndidos guerreiros. Quando todos começavam a montar as suas tendas, eles já o tinham feito. Quando os outros terminavam de montar as suas tendas, eles já tinham preparado e consumido a sua comida e bebida, e estavam descansando, escutando a música de seus harpistas. Quando os outros tinham terminado de comer, eles já estavam adormecidos, repousando. De igual modo, seus escravos e serventes sobrepujam os escravos e serventes de Erin, seus guerreiros superam todos os de Erin nesta ocasião e neste exército aliado”.

– “Tudo isso não são mais do que boas notícias”, disse Ailill, “já que marcham conosco e por nós, ao nosso lado hão de lutar”.

– “Não podem seguir!”, disse Maeve.

– “Então, que fiquem”, disse Ailill.

– Não, tampouco podem ficar”, disse Maeve. “Apoderar-se-iam de nossas casas e terras assim que tivéssemos seguido”.

– “Ora bem, e o que faremos com eles?”, perguntou Finnabair, “se nem podem seguir nem ficar?”.

– “Morte e destruição e chacina é o que desejo para eles”, disse Maeve.

– “Isso é algo infame!”, disse Ailill, “somente porque foram ágeis e eficientes, e montaram as suas tendas e prepararam as suas comidas antes dos outros”.

– “Esses homens são nossos amigos”, disse Fergus, falando em nome dos exilados do Ulster. “Pela verdade de minha consciência, se persistes com essa infâmia, para fazê-la, terá de matar-me junto com eles!”.

– “Não deverias falar-me neste tom, Ó Fergus, pois poderia levar isso a cabo”, disse Maeve. “Tenho forças suficientes para destruir e chacinar todos os homens de Leinster. Tenho meus próprios seguidores, duas vezes três mil guerreiros aqui comigo. E meus filhos, e os sete Maines com suas sete tropas de três mil guerreiros, e os filhos de Mágach com as suas hostes, e Ailill com o seu destacamento, e eu mesma possuo a minha guarda pessoal. Os nossos contingentes são suficientes para derrotar-te e dar-te morte, ainda que estivesses protegido por todas as divisões de guerreiros do Ulster ao teu redor”.

– “Não tem sentido que fales assim”, disse Fergus, “porque eu tenho ao meu lado os sete chefes de Munster com suas sete divisões. Aqui está também uma divisão com os melhores guerreiros do Ulster. Aqui estão os melhores e mais nobres guerreiros de toda a Erin, a divisão dos Galian. Eu mesmo estou juramentado como garantidor de sua segurança e proteção desde que deixaram as suas terras, e sob o meu comando estarão no campo de batalha”.

– “Além disso”, continuou Fergus, “esses homens não precisam de ser... poderíamos dispersar essa divisão de guerreiros Galion e colocá-los separados entre o resto dos guerreiros do exército aliado, não mais do que cinco deles juntos em cada lugar. Há aqui dezessete tropas aliadas, cada uma com três mil guerreiros. Esse é o número total de nossas forças, sem contar as crianças e as mulheres. Cada rei ou chefe traz a sua rainha, que viaja no grupo de Maeve. As tropas dos Galion formam a décima oitava divisão. Podemos dispersá-los no meio do resto do exército”.

– “É-me indiferente”, disse Maeve, “desde que desmontem a sua presente formação de combate”.

E assim foi feito. Fergus separou e distribuiu a divisão dos Galion entre as companhias de combatentes do exército aliado de Erin, de modo que não ficaram mais do que cinco juntos no mesmo lugar.

Na manhã do dia seguinte, o exército aliado pôs-se novamente em movimento. O que começava a ser custoso era arranjar provisões para aquele enorme contingente em marcha, com tantas tribos e tantas famílias e tantos milhares de pessoas que tinham vindo com elas. E era igualmente desafiador organizar a ordem de formação e de marcha. E decidiram que deveria ser assim: cada tropa ao redor do seu rei, com cada hoste ao redor do seu líder, com cada destacamento ao redor do seu chefe, e cada rei e herdeiro da coroa do povo de Erin em seu próprio grupo separado. Discutiram, também, quem deveria conduzir a marcha entre as duas províncias, concordando que deveria ser Fergus, uma vez que tinha passado sete anos no reino do Ulster. E depois de Conchobar ter usurpado o trono e os filhos de Usnech terem sido mortos, ainda que estivessem sob a sua proteção, ele sentiu-se tão culpado que decidiu ir para o exílio, onde permanecia há dezessete anos. Por essa razão, resolveram que o mais adequado era que Fergus fosse na vanguarda, conduzindo o exército, guiando o caminho. Fergus assim fê-lo, mas ainda trazia em si afeto pelos povos do Ulster, o seu torrão natal, e por isso conduziu as tropas por caminhos ermos, tanto em direção ao Norte como ao Sul, ao mesmo tempo que enviava mensageiros aos homens do Ulster e detinha e atrasava o avanço do exército aliado. Maeve percebeu, repreendeu-o e cantou o seguinte lai, que Fergus confrontava:

“Ó Fergus, acerca disso, o que devemos pensar?

O que significará essa deriva?

Pois vagamos para Norte e para Sul,

Desorientando-nos em terras alheadas!”.

“Ó Maeve, por que estás perturbada?

Isso não é algo que indique traição.

Ó rainha, as terras que cruzamos

Pertencem todas aos povos de Ulster”.

“Ailill, o esplêndido, com suas tropas,
Receia que tu o vais trair,
Até agora não puseste em teu ânimo
O desígnio de guiar-nos pelas sendas adequadas”.

“Não foi para prejudicar o exército aliado
Que eu deambulei em círculos
Senão para evitar, o que felizmente posso agora fazer,
O filho de Sualtach, o Cão do Ferreiro!”.

“Não é correto o que estás a fazer,
Ó Fergus, filho de Roig,
Ludibriando o exército aliado.
Afinal, muitas riquezas obtiveste tu,
Conosco em teu exílio”.

“Não seguirei mais na condução do exército”, disse Fergus, “busca alguém que doravante o lidere”. Por tudo isso, Fergus manteve o seu lugar na vanguarda das tropas.

As quatro poderosas províncias de Erin passaram aquela noite em Cul Silinne. Fergus teve um forte pressentimento da aproximação de Cuchulain, advertindo os homens de Erin para que estivessem a postos, pois vinha até eles alguém que era igual a um leão voraz, sina e morte de seus inimigos, o exterminador de exércitos, o líder de grandes hostes e o carniceiro de outras, aquele que distribui presentes com uma das mãos e carrega uma tocha flamejante na outra, ou seja, Cuchulain, filho de Sualtach. E assim Fergus estava profetizando a chegada de Cuchulain, e por isso improvisou e entoou um lai para Maeve, que ao mesmo tempo respondeu:

“É melhor que prestem atenção e vejam,
E se defendam, com muitas armas e guerreiros.
Ele virá, aquele que tememos,

O maior de Muirthemné, o mais vigoroso de sua juventude!”.

“Que cortesia, este conselho antes da batalha,

Vindo de ti, o mais intrépido dos filhos de Roig.

Eu tenho homens e forças suficientes

Para enfrentar aqui Cuchulain!”.

“Serão necessários, Maeve de Ai,

Homens e armas na batalha que está por vir,

Contra o bravo cavaleiro do corcel acinzentado,

Em cada noite e em cada dia!”.

“Mantenho comigo uma reserva

Homens prontos para lutar e saquear,

Três mil chefes de tropas,

Os mais corajosos campeões de Leinster.

Guerreiros da bela Cruachan,

Heróis da Luachair de céu claro,

Quatro províncias inteiras de nobres Gaels,

Defender-me-ão de apenas um homem!”.

“Aquele que tem tropas em Mourne de Bann,

Tingirá de sangue vermelho as pontas das lanças.

À lama e à areia lançará

Essa divisão de três mil homens de Leinster”.

“Veloz como andorinha

Com o ímpeto do vento cortante

Esse, Ó rainha, é Cuchulain,

Inalando a chacina dos seus inimigos!”.

“Ó Fergus, famoso pelos teus cantares.

Deixa que esta mensagem vá, de ti até Cuchulain:

Que prudente seria, de sua parte, silêncio guardar,

Já que ele será ferozmente contido em Cruachan”.

“Haverá uma grande carnificina

A filha selvagem de Badb regozijar-se-á.

O Cão do Ferreiro derramará

Uma chuva de sangue sobre as hostes

De bons heróis e guerreiros!”.

Depois desse lai, o enorme exército aliado das quatro províncias de Erin seguiu o seu caminho em direção ao Leste, rumo à Moin Coltna, o Brejo de Coltain, e ao chegar aí, encontraram um rebanho de oitenta veados. O exército cercou o rebanho para matar todos os veados, e nenhuma rês logrou escapar com vida. Todavia, mesmo que os guerreiros da divisão de Leinster tivessem sido dispersados, somente cinco veados caíram nas mãos dos homens de Erin. Os homens da divisão de guerreiros Galion cobraram e carregaram todo o resto do rebanho.

Seguiram até às Planícies de Trego e ali interromperam a marcha para preparar sua comida. Dizem que foi ali que Dubthach cantou outro lai premonitório. E essa premonição não foi em absoluto errada, porque nesta mesma noite a deusa-espírito da guerra, Nemain, assediou-os. Naquela noite, não tiveram paz, e o descanso do seu sono foi rompido pelos gritos de Dubthach, consciente dos males que se abateriam sobre eles. Grupos de guerreiros se levantaram e começaram a marchar de novo, o restante do exército foi mergulhado em um grande desconcerto, discutindo e lutando uns com os outros, até que chegou Maeve e pôde acalmá-los. Seguiram, contudo, a sua marcha para passar a noite em outro lugar, Gránaire, na Tethba Norte.

De lá, Fergus enviou outra mensagem aos homens do Ulster, por causa do antigo elo de amizade que os unia. Todos eles se achavam ainda acometidos pela Maldição de

Macha, a não ser Cuchulain e o seu pai neste mundo, Sualtach Sídech, o do Monte das Fadas. Os dois chegaram, então, a Ard Cuillenn, o Monte de Cuillenn, onde acamparam perto de uma grande pedra encravada no chão, erguida em tempos imemoriais na forma de um pilar vertical. Pensavam montar guarda e, daquele lugar elevado, poder observar os movimentos do exército inimigo. Os cavalos de Sualtach pastaram, então, toda a erva ao Norte da pedra vertical, com raízes inclusive, até o limite extremo da borda da terra. Os cavalos de Cuchulain pastaram com mais intensidade toda a erva ao Sul da pedra-pilar até a solo, e ainda mais embaixo, pois lamberam a terra até a base da rocha debaixo do solo que sustenta o relvado.

– “Pai”, disse então Cuchulain, “tenho um pressentimento de que o exército está a ponto de chegar. Regressa ao Ulster para avisar os nossos patrícios e aconselhá-los para que não fiquem nas planícies abertas e devassadas, mas, ao contrário, rumem para os bosques, paragens e lugares desertos, para os vales profundos e para as solitárias e estreitas ravinas da província a fim de se evadirem dos homens de Erin”.

– “E tu, meu rapaz, o que vais fazer?”.

– “Eu devo ir à Temair para cumprir a minha promessa de um encontro amoroso que combinei com Fedlimid Nocruthach, a Nove Vezes Formosa, filha de Conchobar, e passar a noite com ela”. (Alguns dizem que esse encontro era com a servente de Fedlimid).

– “Desgraçado é aquele que faz tal coisa”, disse Sualtach, “deixar os homens do Ulster desprevenidos, para que sejam assim destruídos por seus inimigos, apenas pelo deleite de passar uma noite com uma mulher”.

– “Seja como for, eu hei de ir, promessas são promessas”.

– Foi, então, Sualtach dar o aviso aos homens do Ulster. Cuchulain foi para o bosque e cortou um talo tenro de carvalho, inteiro, de uma só vez, estando de pé sobre apenas uma perna, usando somente uma mão e um olho (com o outro fechado). Depois, vergou-o até formar um anel, e nele fez as marcas de uma inscrição em *ogham*. Em seguida, colocou-o na parte mais afinada da pedra-pilar, por cima, e foi forçando até

embaixo para que ficasse fixado na parte mais espessa. Então, foi para o seu encontro amoroso.

Os homens de Erin, por sua vez, chegaram onde estava a pedra vertical em Ard Cuillenn, e começaram a explorar as terras da província do Ulster, desconhecidas para eles. Dois homens da guarda de Maeve seguiam sempre na vanguarda, em cada campo, em cada marcha, em cada vau e em cada rio, já que queriam preservar limpos e bem cuidados seus mantos e vestimentas, evitando a poeira e a faina da multidão composta pelo exército e por seus acompanhantes. Eram os dois filhos de Nera, que era filho de Nuathar, filho de Tacan, filhos dos encarregados de Cruachan, Err e Innel. Fraech e Fochnam chamavam-se os seus aurigas. Eles foram os primeiros a achar o anel deixado por Cuchulain na pedra-pilar e a notar as inusitadas marcas que os cavalos haviam deixado ao pascer a erva. Quando chegaram os outros, entregaram o anel de madeira a Fergus, filho de Roig, que leu a inscrição em *ogham*.

Entrementes, chegou Maeve e perguntou-lhe:

– “A troco de quê te detiveste aqui?”.

– “Estamos esperando por causa deste anel de madeira e da inscrição que possui”, disse Fergus. “Há uma mensagem em *ogham*”.

Ailill pegou o anel e o deu a Fergus, para que pudesse interpretá-lo.

– “Diz: ‘Não avanceis, a não ser que um de vós seja capaz de fazer um anel de madeira como este com apenas uma mão e cortado de somente uma peça. E desta tarefa excludo o meu amigo Fergus’. Está claro quem foi que deixou inscrita esta mensagem”, comentou Fergus. Seus cavalos foram quem estiveram a pascer a erva ao redor da pedra-pilar”. Fergus entregou o anel ao druida acompanhante e cantou o seguinte lai:

“Este anel, o que quererá dizer para nós?

Qual é a sua mensagem?

Quantos homens te-lo-ão colocado aqui?

Alguns poucos ou uma hoste?”

“Se passardes a noite aqui, e não esperardes sequer uma noite no campo On,

Deparar-vos-eis com o Cão da lacrimosa carne.

Vossa será a culpa, se desprezardes essa advertência!”

“O mal se abaterá sobre as hostes, se cruzarem-lhe o caminho?

Descobri, druidas, descobri o motivo

por que foi feito este anel”.

E os druidas responderam:

“Um herói, renomado campeão

foi quem o fez e o deixou

aqui neste lugar, como barreira contra reis

Um só homem, com as próprias mãos”.

“O exército não deve seguir em frente,

de acordo com as leis da guerra,

a menos que entre vós haja

um homem que o mesmo possa fazer.

Este é o motivo e mais nenhum

Para que esse anel com *ogham* tenha sido aqui deixado”.

Fergus, então, dirigiu-se ao exército real:

– “Se ignorardes o desafio e seguides em frente, a fúria do homem que talhou este anel e este *ogham* cairá sobre vós, ainda que busqueis a maior proteção ou vos encerreis dentro de vossas casas. A não ser que algum de vós possa responder ao desafio do anel, cortando de uma só vez um pedaço terno de carvalho, fazendo um outro anel semelhante e gravando nele uma inscrição em *ogham*, encaixando-o no pilar vertical, e tudo isso com somente um pé, somente uma mão e somente um olho, ele aniquilar-vos-á antes de terminar a noite”.

– “Nós não desejamos, certamente, ver quaisquer dos nossos homens morto tão rapidamente”, disse Ailill. “Se nos desviarmos um pouco e conseguirmos cruzar pela extremidade deste grande arvoredo no Sul de nossa posição, ou seja, Fidduin, o Bosque Enevoadado, não precisaríamos passar por aqui e deparar com este anel e este *ogham*.”

Ato contínuo, os homens do grande exército aliado, com as suas espadas, cortaram árvores do bosque para fazer um caminho por onde pudessem passar com os carros de combate e de transporte e carga. Por isso, esse lugar se chama desde então Slechta, a Estrada Talhada, onde está Partraige Beca, a Pequena Partry, a Sudoeste de Cenannas na Rig, a Kells dos Reis, perto de Cul Sibrille.

De acordo com outros livros, sucedeu o que segue. Depois de terem chegado a Fidduin, viram um carro e, dentro dele, uma radiante donzela. Foi lá que a conversa entre Maeve e Fedelma, a jovem-vate, teve lugar, e foi depois da resposta que a vidente deu a Maeve que as árvores foram cortadas: “Olha para mim”, disse Maeve, “Como será a minha jornada?”. “É difícil para eu ver”, disse a jovem, “porque nenhum olhar posso lançar sobre o que se oculta na densa floresta”. “Então, terra arada deverá ser esse arvoredo”, disse Maeve, “pois cortaremos as árvores”. Agora, cortadas as árvores, Slechta passou a chamar-se esse lugar. Eles dormiram em Cul Sibrille, que é Cenannas.

Naquela noite, caiu sobre eles uma grande nevasca. A neve era tanta e tão espessa que chegava aos ombros dos homens, aos flancos dos cavalos e aos eixos dos carros. Todo o território estava branco, coberto inteiramente de neve. E não puderam desmontar as suas tendas e cabanas, nem preparar comida nem bebida, nem fazer refeição nem repasto. Nenhuns dos homens de Erin pôde saber naquela noite se quem estava ao seu lado era amigo ou inimigo até que chegasse a brilhante aurora no dia seguinte. Não há dúvida de que os homens de Erin não tinham ainda passado uma noite tão árdua e desconfortável como aquela noite de nevasca em Cul Sibrille.

As tropas das quatro grandes províncias de Erin partiram de novo, no dia seguinte, muito cedo, ao primeiro alvor da manhã, resplandecendo sobre a branca neve, a caminho de outro lugar.

Enquanto a Cuchulain, o jovem guerreiro levantou-se tarde, lavou-se e banhou-se, tomou um bom desjejum, e depois disse ao seu auriga que recolhesse os cavalos e

preparasse o carro para a viagem. Em seguida, olhando para o rastro deixado no chão, foram atrás do exército e perceberam que as tropas haviam furtivamente avançado em vez de parar na pedra vertical com o anel e o *ogham*.

Ai de nós, Ó mestre Laeg, disse Cuchulain, “não foi bom termos ido encontrar aquela jovem na noite passada e traído os homens do Ulster. Deixamos passar um exército inteiro sem os ter avisado. Trata de contar as pegadas que deixaram”, disse a Laeg, “para saber quantos são”.

Laeg assim o fez, tendo dito a Cuchulain:

- “Está muito confuso, não sou capaz de calcular”.
- “Não sê-lo-á para mim, se for eu mesmo a fazer o cálculo, disse Cuchulain.
- “Suba ao carro e vamos para lá”, disse Laeg.

Cuchulain saltou para o carro, e seguiram a viagem. Durante algum tempo ainda continuou a calcular a quantidade de tropas do exército de Erin por meio do rastro.

– “Nem sequer tu estás a ser capaz de fazer o cálculo com facilidade, e estás confuso”, disse Laeg.

– “Não, absolutamente”, disse Cuchulain, “porque posso calcular quantos eram os guerreiros que conseguiram passar à nossa frente, ou seja, dezoito divisões de três mil homens cada uma, mas a décima oitava divisão, também de três mil guerreiros, dispersou-se entre as outras. Foi isto que tornou o cálculo difícil, os três mil Galion”.

Este cálculo tão preciso foi possível porque Cuchulain possuía muitos e variados dons: o dom da beleza masculina, o poder de formar coisas, o de saber construir e edificar, o da natação, o da equitação, o do jogo do *fidchell*, o do jogo do *brandub*, o da batalha, o da luta corpo a corpo, o de resolver conflitos, o da visão, o da eloquência, o do bom conselho, o da caça de aves, o de realizar saques nas regiões vizinhas.

Laeg, meu amigo, prepara para nós os cavalos; acicata os corcéis; conduz o carro de combate para nós até ao flanco esquerdo das hostes; quem sabe não conseguimos

surpreender o exército invasor, pois eu deixarei de viver a não ser que tombe pelas minhas mãos nesta noite um amigo ou inimigo dos homens de Erin.

Cuchulain seguiu, então, um caminho próximo e paralelo ao exército invasor, até chegar a um lugar conhecido como Ath Gabla, o Vau do Fork. Ao chegar ali, penetrou em um bosque, com um só golpe seco e seguro de sua espada, cortou um forte ramo de árvore que tinha quatro forquilhas pontiagudas, gravou nele uma mensagem em *ogham* e cravou-o no centro da corrente de água do vau, de maneira que um carro de combate não teria lugar ou espaço para cruzar o rio por nenhum de seus lados. (Por isso, esse lugar ficou conhecido como Ath Gabla, o vau do ramo com forquilhas). Nesse momento, chegaram os guerreiros filhos de Nera que já foram mencionados, Err e Innel, com seus dois aurigas, Fraech e Fochnam, que iam sempre na vanguarda do exército, e, ao vê-lo ocupado com esse trabalho, prestos lançaram-se contra ele. Cuchulain derrotou-os em seguida e cortou suas cabeças, e o mesmo fez com os dois aurigas, também decapitados. Imediatamente, cravou as quatro cabeças em cada uma das quatro forquilhas do ramo fincado no fundo do vau.

Depois, Cuchulain enviou os dois carros de combate ao lugar onde estava o exército, com as rédeas dos cavalos penduradas, e os quatro cadáveres mutilados e exangues pelo caminho. Porque o jovem herói não considerava digno apropriar-se dos cavalos, roupas, armas e armaduras daqueles a quem havia morto em combate. Ao ver o macabro espectáculo, todos acreditaram que haveria um corpo de exército inteiro esperando por eles no vau. A vanguarda do exército esperou pelo resto das tropas, e todos foram acometidos por um tipo de terror.

Então, chegaram Maeve, Fergus, os sete Maines e os filhos de Maga. Porque é assim que viajava Maeve, com nove carros somente para ela e seu séquito pessoal, dois carros na frente, dois atrás, dois em cada lado e o seu próprio carro no centro, entre todos os outros.

– “O que é que significa isto?”, perguntou Maeve.

– “Não é difícil de dizer”, responderam-lhe. “Estes são os cavalos do pequeno grupo que ia na vanguarda, e estes são os seus cadáveres decapitados”.

Enviaram, então, batedores para inspecionar o vau, crendo firmemente que ali, à espreita, estaria postado um exército inteiro do Ulster. Mas nada acharam a não ser os rastros de apenas um carro de combate, e o talo fincado no meio da água com as sinistras quatro cabeças e a mensagem em *ogham*. Depois, chegou ao lugar o resto do exército.

– “Estas cabeças pertencem a membros do nosso exército?”, perguntou Maeve.

– “Sim, desgraçadamente, e a alguns dos melhores homens dele”, disse Ailill.

Seguidamente, consultaram os druidas, que leram e interpretaram o texto em *ogham*: apenas um homem havia cortado o forte ramo, usando somente um braço, da mesma forma o havia fincado no fundo do vau, com dois terços do seu tamanho debaixo da terra e unicamente um terço acima, e um tabu: ninguém poderia vadear o rio a menos que um deles pudesse arrancar o ramo da mesma maneira como havia sido encravado no chão, com tão só uma mão.

– “Surpreende-me”, disse Ailill, a rapidez com que foram mortos esses quatro.”

– “Isso não é o que mais deveria surpreender-te”, disse Fergus, “mas sim o fato de que esse grosso ramo tenha sido cortado com apenas um golpe; e no fundo da água não se nota qualquer vestígio de escavação para que o ramo tenha sido enterrado, dando para notar que foi fixado ali pela base, com apenas um gesto.”

– “Fergus”, disse Maeve, “tu és agora membro do nosso exército. Portanto, arranca o poste do fundo da água com um só golpe e livra-nos desse obstáculo.”

– “Traga-me um carro!”, disse Fergus.

Trouxeram um carro de combate conduzido por dois cavalos, e Fergus fez com que puxassem com todas as forças até que o carro se despedaçou. O mesmo sucedeu com os outros dezessete carros que foram sendo trazidos um depois do outro para serem utilizados na mesma exigente tarefa, sem conseguir extrair o ramo do fundo do vau. Todos ficaram reduzidos a pequenos fragmentos.

– “Abandona o intento, Fergus!”, disse Maeve, “não serás capaz de conseguir destruindo todos os carros do meu exército. O melhor que podemos fazer é esperar que

os homens do Ulster se recuperem da debilidade causada pela Maldição de Macha e se decidam a dar-nos batalha em campo aberto, a batalha do *Táin*.”

– “Tragam-me o meu próprio carro de combate sem demora”, disse Fergus. E trouxeram o carro de Fergus, e Fergus deu um tremendo empurrão com o carro e conseguiu tirar o ramo do fundo do rio. Esta foi uma das façanhas de Fergus, o formidável guerreiro destruidor de inimigos. Colocou o ramo na frente de Ailill, que o inspecionou e disse:

– “Está claro que foi talhado de um só golpe, já que mostra na base um só corte.”

– “Deveríamos começar a dirigir os nossos pensamentos”, disse Ailill, “à estirpe de gente à que estamos nos aproximando. Preparai cada um de vós a vossa comida e bebida – não foi ontem uma noite fácil com a nevasca que se abateu sobre nós – e depois ouçamos as histórias acerca das pessoas com quem vamos nos encontrar.”

Esta foi a primeira vez que puderam escutar algo concreto sobre Cuchulain. Montaram os acampamentos, levantaram as tendas, prepararam comida, antepastos e bebidas, comeram e, depois, escutaram música, baladas e melodias. De tudo isso precisavam depois do que lhes passou na terrível noite anterior.

Ailill perguntou a Fergus:

– “Ainda me atormenta a rapidez com que um guerreiro, sozinho, pôde matar nossos quatro valorosos homens. Será possível que tenha sido o próprio Conchobar, rei supremo do Ulster, que terá vindo esperar-nos no vau?”.

– “Não é provável”, disse Fergus, “se ele tivesse vindo, ter-lhe-iam acompanhado tropas e companhias de guerreiros entre os melhores de Erin, aquartelados no seu reino. E se tivesse sido ele a vir, mesmo que os homens de Erin, e os de Alba e de Britania tivessem se oposto a ele, em um lugar para dar-lhe batalha, ele é quem teria cantado a vitória e não o contrário.”

– “Diz-me, então, quem é o mais provável?”

– “Ninguém senão o jovem mancebo, meu filho adotivo e filho adotivo de Conchobar, Cuchulain na Cerdda, o Cão de Culann o Ferreiro. Esse é o seu nome.”

– “E que tipo de homem”, disse Ailill, “é esse Cuchulain do Ulster de quem ouvimos falar?”.

– “Logo irás saber”, disse Fergus, “aos cinco anos de idade foi pedir para ser admitido no serviço de armas com os jovens de Emain Macha. Aos sete foi estudar as artes de combate com Scáthach Alba, e foi ainda cortejar Emer. Aos oito foi armado cavaleiro. Agora tem dezessete anos.”

– “É ele o mais forte guerreiro do Ulster”, perguntou Maeve.

– “Sim, é o mais forte de todos”, disse Fergus, “não seria fácil encontrar uma espada mais aguda, mais rápida, mais incisiva, mais cortante, um lobo mais feroz, um corvo mais sedento de sangue humano, um guerreiro mais indômito. É uma barreira nesta batalha, um tormento para os guerreiros inimigos. Não encontrarás aqui alguém que possa medir-se com ele em vigor de juventude, em atavios, em esplendor e armas, em fama e maneiras. Em infundir temor nos oponentes, em voz, força e firmeza, em inteligência, coragem ou agilidade em combate, não há ninguém como Cuchulain.”

– “Não o superestimemos”, disse Maeve. “Seja como for, ele só tem um corpo. Pode ser ferido. Não pode evitar ser capturado. Além do mais, ele é ainda um jovem imberbe, e seus feitos de homem ainda estão por acontecer.”

– “De jeito nenhum”, disse Fergus, “não seria nada estranho que ele realizasse grandiosas façanhas nesta altura. Quando era ainda mais jovem já realizou um muitas delas.”

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

ALBERRO, Manuel. *La Razzia del Ganado de Cuailnge*. A Coruña: Toxosoutos, 2005.

DUNN, Joseph. *The Ancient Irish Epic Tale Tain Bo Culange*. Fairford: Echo Library, 2008.

KINSELLA, Thomas. *The Táin*. Dublin: Dolmen Press, 1969.

Bibliografia

CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MARKALE, Jean. *Os Conquistadores da Ilha Verde*. Lisboa: Ésquilo, 2002.

SANTOS, D. V. C. ; FARRELL, E. C. S. P. . *Táin Bó Cúailnge - Um Épico Irlandês* In SANTOS, Dominique (Org.). *Grandes Epopéias da Antiguidade e do Medievo*. Blumenau: EDIFURB, 2014: 220-241.

WROBLEWSKI, Erik. *Táin Bó Cúailnge: versões e background histórico*. *Revista Vernáculo*, vol. 19 e 20, n. 1, 2007: 134-148.